



**VIDAS
NA MINHA VIDA**

ZILAH DE GRÁCIA

CAPITULO I

Um Diploma e um Destino...

A voz do orador, cheia e agradável, ecoava no recinto um tanto abafado naquela tarde de verão. A princípio prestara a mais delicada das atenções, mas, pouco a pouco, fui deixando que me possuísse o devaneio. Que faria eu, agora, com êsse rôlo de papel cuidadosamente amarrado com uma fita colorida?

Não sei mesmo a razão de ter feito o curso de enfermagem, se êle não me atraía. Digo que não sei, mas, analisando melhor, direi que fui forçada pelas circunstâncias: pobreza, ignorância, discórdia, são coisas que, numa só família reunidas, formam um trio capaz de botar qualquer um para fora de casa. A facilidade do curso me decidiu... Afinal, pensava eu, à guisa de consolação, — não sou feia, inteligência normal e, o que é mais importante, tenho apenas vinte anos...

As palmas me trouxeram à realidade. Pelo seu prolongado bater, achei que havia perdido algo interessante.

Lancei um olhar curioso para as minhas colegas de formatura: pareciam-me alegres e confiantes. Tentei imitá-las e, com um sorriso tipo meia-lua, fui caminhando entre alguns apertos de mão da parte das mulheres e abraços mais efusivos da parte dos homens.

Aquela noite, na pensão barata na qual morava, pareceu-me longa demais. A falta de uma diretriz preocupava-me e a certeza de não contar com alguém para me aconselhar a tomá-la tirava-me o sono.

Empregar-me num hospital, passando a vida a aplicar injeções em doentes choramingas, a desinfetar feridas que, na melhor das hipóteses, teriam um cheiro adocicado de puz, era uma decisão que eu na certa não tomaria. Cuidar e ninar bebês que berram aos estertores, sem contar o que lhes aflige, se me apresentava apavorante.

Finalmente, entre rostos convulsos de dor e boquinhãs sem dentes, escancaradas, emitindo sons que pareciam gritos, adormeci.

O sol já era convidativo lá fora quando despertei. Desci de cabeça baixa as escadas que levavam à sala de refeições e, na mesma posição, tomei o café, entre as fisionomias indiferentes dos demais pensionistas.

Saindo, andei até uma praça onde crianças barulhentas tiravam o sossêgo que naturalmente deveria reinar num local como aquêlo, com belas árvores abrigando pássaros, águas calmas e bonitas estátuas representando querubins. Analisei, nêsse momento, um traço predominante em minha personalidade: amava e compreendia a natureza em tôdas as suas expressões, como também valorizava o que era idealizado pelo homem, mas não sabia amá-lo e muito menos compreendê-lo. Friamente analisando, eu não gostava

do gênero humano, onde, naturalmente, me achava incluída. Por isso — sabia — morava em mim, incomodativa, a insatisfação.

Sentara-me num banco e nem havia notado a pilha de jornais que ali se encontrava. Busquei com os olhos o responsável por ela: num corre-corre atrás de uma bola, faces afogueadas, o moleque por certo nada mais lembrava.

Nos filmes e novelas a heroína sempre encontra emprêgo pelo jornal: tentei, confiante, no “precisa-se”. Logo entre os primeiros anúncios deparei com um: “Precisa-se de uma enfermeira para tomar conta de senhora idosa. Será necessário dormir no emprêgo”. Pensei rapidamente que aturar uma doente somente é bem melhor do que vários e que valia a pena tentar. Tomei nota do enderêço, recoloquei o jornal na pilha e parti.

Vidas na Minha Vida é a estória de uma moça pobre e inteligente, que diplomou-se como enfermeira e foi trabalhar num hospital.

Cada capítulo é um período marcante, extraído da vida de alguns doentes sob seus cuidados.

Suas personalidades, seus problemas e ideais, são analisados por ela, com o objetivo de orientação própria diante da vida.